

Um homem de negócios

Sarah Orne Jewett

Tradução de Alane Melo da Silva¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Introdução à tradução

Sarah Orne Jewett (1849-1909) foi uma escritora importante no seguimento literário do regionalismo nos Estados Unidos. Com uma obra composta por romances, contos e poemas e peças teatrais, suas histórias apresentam o cotidiano de estadunidenses comuns em um estilo literário descritivo e autêntico.

Ela começou a escrever desde jovem e publicou seu primeiro conto aos 19 anos. Ao longo de sua carreira, Jewett se dedicou a vários gêneros literários, mas foi principalmente reconhecida por seus contos. Suas histórias eram frequentemente ambientadas em pequenas cidades e vilarejos da Nova Inglaterra, explorando temas como a vida rural, a natureza, a família e as relações humanas. Algumas de suas obras mais conhecidas são: “The Country of the Pointed Firs” (O País dos Abetos Pontiadudos), “A White Heron” (Uma Garça Branca) e “The Queen’s Twin” (A Gêmea da Rainha). Seu trabalho foi muito apreciado por escritores contemporâneos, como Willa Cather e Henry James.

Para este trabalho de tradução, escolhi o conto *A business Man*, publicado em 1886. Nesta história, Jewett apresenta como protagonista John Craven, um importante empresário que em sua velhice busca ressignificar a sua vida por meio de uma amizade com um jovem casal. O conto “A Business Man” se diferencia das outras produções de Sarah Orne Jewett, pois apresenta como protagonista um homem rico, a escritora geralmente se concentra em personagens comuns e em ambientes rurais da Nova Inglaterra.

Ao colocar o protagonista como um homem rico, o conto “A Business Man” pode explorar temas relacionados ao poder, ao dinheiro e às complexidades da vida nos círculos sociais mais privilegiados. O conto de Jewett apresenta uma história de fácil leitura, a autora faz um comentário sobre as escolhas que moldam uma vida e o que resta quando se chega a velhice.

¹ Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: alanepoet@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9702-9816>

Nos Estudos da Tradução, conforme Dépré (2019), há um debate constante sobre como traduzir, sendo dois conceitos importantes entre acadêmicos da área: a estrangeirização e a domesticação. Enquanto a estrangeirização busca manter a essência cultural e linguística do texto fonte, a domesticação visa adaptar a tradução para a língua e cultura de chegada. Ao traduzir o conto, busquei realizar a tradução de forma respeitosa, preservando a forma e o estilo literário da autora.

A tradução do conto foi um processo criativo que demandou a busca por soluções estratégicas para os desafios linguísticos apresentados. Ao traduzir literatura, é necessário encontrar abordagens que permitam superar obstáculos e garantir a fluidez e compreensão do texto traduzido, sem comprometer a sua qualidade do texto fonte. É necessário portanto que o tradutor literário aja de forma consciente e criativa para trazer um resultado satisfatório para o leitor.

Um homem de negócios

Quando um homem escolhe uma profissão, ele deve ter outros desejos além de enriquecer. Ele deve desejar ser habilidoso e usar o que sabe como um meio de autodesenvolvimento para ajudar seus semelhantes, e se ele for bem-sucedido, ninguém tem o direito de zombá-lo porque ele não fez fortuna. Mas quando a maioria dos homens começam a trabalhar é com o propósito reconhecido de ganhar dinheiro. O mundo tem o direito, também, de observar com interesse o que eles fazem com seu dinheiro depois. Dólares são cruciais para a definição do status de um homem de negócios enquanto são apenas secundários para um clérigo ou um médico - isto é, quando se julga pelas condições públicas de indicadores de sucesso e ignorar as condições privadas. No entanto, o ganhador de dinheiro pode conquistar grande fortuna e falhar completamente em alcançar seu maior valor, recompensa e satisfação como ser humano.

As pessoas frequentemente diziam que havia algo no sangue dos Cravens (seu verdadeiro nome deve ser mantido em segredo) que ansiava pela posse e buscava satisfazer sua paixão pelas conquistas. John Craven, o orgulhoso herdeiro de um nome já reconhecido nos círculos empresariais, certamente amava pensar em suas centenas de milhares de dólares no banco. Ele sentia um prazer imenso ao percorrer as colunas de números em seu livro de contas privado - um sentido gratificante de segurança e abundância que nenhum dos frutos de sua riqueza poderia superar.

A magnífica morada em que ele residia, seus adoráveis filhos jovens, tudo isso não se comparava à plena satisfação que seus olhos e coração encontravam nas páginas especiais, onde os principais tesouros de sua propriedade eram retratados por números de hastes retas, como o quatro e o um, e números delicadamente curvados, como o três, o seis e o nove. Ele era um homem que nunca prejudicou diretamente ninguém, mas que sempre foi determinado a ter sucesso e ganhar dinheiro, pensava pouco em sua relação pessoal com a sociedade e ainda menos em sua relação com o próximo mundo. Todo o seu desejo sempre esteve voltado em ter um esplêndido sucesso financeiro, e embora cedo na vida tenha alcançado esse objetivo, ele ainda continuava planejando grandes ganhos e glórias, e se considerava um dos empresários mais jovens de sua cidade, até muito tempo depois de ser avô.

Então, a maré de satisfação pareceu finalmente ter virado. Uma coisa após a outra o forçou a hesitar e a vacilar nessas grandes manipulações de seu capital. O Senhor Craven era perspicaz e rápido para aproveitar as oportunidades de negócios, mas pequenas coisas o incomodavam e ele se tornou sensível em situações que quando jovem

só lhe despertavam indiferença. Ele tinha acabado de transferir seu escritório principal e armazém para um prédio sofisticado que havia acabado de ser inaugurado, quando pela primeira vez em sua vida ficou seriamente doente, e por necessidade, seu filho mais velho foi promovido temporariamente para a liderança dos negócios.

Foi uma surpresa estranha quando o médico da família lhe disse que ele não podia mais suportar o que podia antes; que um homem de sua idade deveria se cuidar; e finalmente o aconselhou que passasse alguns meses na Europa, pois estes lhe fariam muito bem. John Craven ficou assustado e irritado a princípio; ele sempre esperou por essas férias e já havia desfrutado de paisagens estrangeiras por procuração já que sua família havia cruzado o oceano repetidamente, como outras famílias de sua posição social. Mas isso parecia significar apenas que as meninas queriam ir passear novamente, e a princípio ele se recusou enfaticamente a ser vítima de tal conspiração.

No entanto, quando ele visitou a sua empresa após o período que ficou doente, se sentiu desanimado. O novo armazém estava ocupado agora, e era cansativamente grande e barulhento. O jovem John estava indo muito bem; ele poderia ser ainda mais útil no futuro se tivesse a chance de experimentar ser o chefe agora. Ele não poderia fazer muito estrago, pensou o homem mais velho, enquanto afundava em sua grande cadeira estofada com um pequeno suspiro. Ele havia planejado dar ordens para que a mesa e a sua poltrona de madeira fossem trazidas da antiga sala de contabilidade, mas era tarde demais agora, e certamente estariam completamente fora de lugar em toda essa magnificência de vidro e mogno. Sim, Jack estava certo; este novo escritório estava de acordo com a posição da empresa, como sócio sênior ele olhou para seu novo cofre com orgulho e aprovação, e elogiou o seu filho pela maneira como ele havia organizado as coisas.

O seu velho avô que o treinou na profissão costumava sentar-se em um banquinho alto e usar uma casaco de lã verde em uma sala pequena e suja. “Ele nos iniciou - ele nos iniciou”, disse John Craven para si mesmo; então ele se sentiu um pouco abalado e sentou-se novamente, dizendo que não iria passar em casa até o dia seguinte, talvez. Ele mal havia recuperado sua força e Jack poderia trazer os relatórios. Havia um número de novos funcionários até mesmo no escritório interno, e um deles tinha um rosto astuto e pequeno. “Eu não gosto da aparência desse sujeito”, murmurou. “Quem o trouxe aqui, eu gostaria de saber!” Mas Jack respondeu, com orgulho ferido, que este era o contador mais esperto de Nova York; ele havia tentado contratá-lo para a empresa deles por um ano.

De alguma forma, pela primeira vez, John Craven estava consciente de que estava ficando velho. Ele resmungou algo sobre os filhos o empurrando e desejando que ele saísse do caminho deles. A pompa da nova sala do departamento financeiro, a autossuficiência

de Jack, o deslumbrou e o irritou um pouco. Ele havia pensado que era indispensável para o bem-estar deste grande negócio e que ele não perderia um dia de trabalho durante os períodos mais movimentados do ano. Mas aqui estava o seu negócio seguindo em frente em jornada múltipla e difícil, tudo estava tão bem quanto se ele estivesse em um posto de orientação. Bem, nem todo homem havia dado a seus negócios um impulso tão bom; ele apenas seguiu os princípios do fundador, e pensou novamente no avô robusto vestindo o casaco de lã. Afinal, isto era bom para o filho e sucessor; ele ficaria bem na fileira dos John Cravens. Jack estava casado e estabelecido. Ele tinha uma casa tão bonita quanto a de seu pai, um quarteirão acima da avenida. O patife até cresceu um pouco ultimamente, mas John Craven, o mais velho, não tinha intenção de ser chamado de velho ainda.

Naquele dia, havia algumas questões para serem discutidas sobre os investimentos imobiliários, mas Jack não podia responder a elas. Walter havia estado cuidando dessa parte da propriedade, e Walter estava fora da cidade. “Então eles dividiram a responsabilidade entre eles, não foi?” resmungou o pai; mas Jack trouxe uma grande quantidade de cheques e papéis para serem assinados, e os dois homens almoçaram e brincaram juntos. A empresa já era maior do que o sócio sênior aprovava. Não adiantava falar sobre contratar outro funcionário. Mas Jack aproveitou os sorrisos de seu pai para sugerir a admissão de um genro, o marido da filha mais nova. “Eu vou pensar sobre isso”, respondeu o chefe, virando-se para procurar sua caneta. “Não, o capital dele não é um incentivo. Estamos navegando com velas suficientes no momento, a menos que as coisas mudem para melhor.” Jack voltou para sua própria mesa um pouco irritado. Ele não gostava de renunciar a sua autoridade. Fazia apenas um mês desde que o velho cavalheiro havia estado fora? Parecia um ano.

John Craven seguiu o conselho do médico e foi para a Europa. Ele se sentia estranhamente fraco e incapaz de muito esforço desde a doença, e agarrou-se à promessa de renovação de sua saúde. Houve grande satisfação em encontrar alguns de seus antigos colegas; ele desfrutou completamente a sua viagem e ficou satisfeito com os relatórios cuidadosos que recebia de casa. Ele também estava orgulhoso de algumas novas perspectivas e conexões que conseguiu formar. “De um ponto de vista comercial”, ele gostava de dizer à sua esposa, “o tempo foi bem gasto”. Mas a senhora Craven não perdia nenhuma chance de instar o marido a deixar o negócio para os filhos. Ele havia se sobrecarregado, ela argumentava repetidamente, não adiantava estragar completamente sua saúde.

Ele sabia muito bem agora que não podia suportar o que podia na juventude. A verdade era que as formas de fazer negócios estavam mudando - esses telégrafos

submarinos estavam fazendo tanto mal quanto bem. O tempo havia passado em que um homem poderia obter conselhos privados sobre uma alta na bolsa de valores e rapidamente aumentar suas ações para controlar o mercado. Agora, o que um sabia, o resto sabia, e era simplesmente uma questão de quem poderia vender mais barato. John Craven discutiu isso repetidamente com comerciantes ociosos como ele.

Não muito tempo depois de sua volta, a grande tristeza de sua vida veio a ele: a morte de sua esposa. Foi mais difícil suportar a perda do que jamais poderia ter sido antes. Eles se amavam com um afeto sóbrio e sem demonstrações, que era tão permanente e inquestionável quanto o ar que respiravam. Nos primeiros anos, enquanto ele estava imerso, como ele costumava dizer, em cuidados comerciais, e a boa mulher estava em casa cuidadora e preocupada com muitas coisas – os filhos crescendo, suas relações sociais –, eles seguiram caminhos separados sem muita referência um ao outro, satisfeitos com uma confiança e inspiração mútuas. Pela primeira vez nesses últimos meses, eles às vezes passavam todas as horas dos dias juntos e eram mais amorosos e afetuosos do que nunca.

Às vezes, conversavam nos longos crepúsculos dos lagos ingleses ou no sol suave da Itália sobre o que fariam juntos quando chegassem em casa; e John Craven sentia menos irritação ao pensar na capacidade de negócios de seus filhos. Ele teria mais tempo em casa e até se interessou pelas pequenas empresas de caridade de sua esposa e disposto a ouvir confidências finalmente soube o bem que seus cheques generosos haviam feito em necessidades públicas e privadas. Ele nunca havia encontrado tempo para pensar muito nessas coisas. Mas, infelizmente, a boa Senhora Craven morreu após uma breve doença, dentro de uma ou duas semanas após a sua chegada em casa, e a grande mansão com os tesouros desembalados que eles haviam escolhido juntos, ficou desolada.

Foi mais difícil do que nunca para esse homem de negócios se convencer de que não era velho em sua idade; mas de alguma forma ele havia deixado de lado sua supervisão ativa dos negócios, enquanto não conseguia encontrar nenhum interesse para preencher o lugar daquilo a que havia dedicado todo o seu tempo e pensamento. Ele não se importava com livros ou arte, ou, o mais triste de tudo, pensava sua filha elegante, com a sociedade. Ele havia doado muito dinheiro porque os outros esperavam, mas nunca havia se doado com os seus dólares. Às vezes, ficava irritado com os filhos, e às vezes agradecido por deixar as coisas em sua responsabilidade, mas desejava que tal renúncia fosse voluntária; não deveria ser dada como certa. Suas filhas estavam ansiosas para ter uma parcela de seu favor; elas vinham a ele com histórias da ascensão de autoridade e precedência pelos meninos. Todos eles dependiam dele de uma forma ou de outra, e John Craven disse mais de uma vez que gostaria de ver um dos homens fazer o seu próprio caminho no mundo.

Eles eram todos respeitosos e afetuosos. As meninas lhe diziam repetidamente que estavam tão felizes que seus maridos pudessem aliviar sua carga e eram homens em quem ele podia confiar. Sim, ele certamente tinha muito pelo que ser grato; parecia que não era culpa de ninguém que ele estivesse sendo deixado de lado. Jack às vezes era arrogante e autoconfiante sobre os negócios. Era incrível que ele próprio, que havia sido considerado um dos homens mais ousados, perspicazes e empreendedores de seu tempo, fosse constantemente levado a sentir que era um velho ultrapassado que estava ficando para trás. Quem deveria entender os tempos se não um homem de sua experiência? À medida que os longos meses passavam, os dias em que ele não ia ao escritório se tornavam cada vez mais frequentes.

O valor principal de sua presença parecia ser para as listas de assinaturas, que de forma alguma o deixavam em paz, e um dia houve um violento surto de raiva contra o jovem Jack, que havia lhe oferecido uma mesada com uma quantia menor do que ele achava adequada. “Você pode estar ganhando dinheiro, mas com o dinheiro de quem você está ganhando?”, exigiu saber o velho, enquanto Jack falava suavemente e olhava em volta para as outras mesas. Ele não parecia querer derrubar o pai, como costumava fazer em caso de diferenças quando ambos eram mais jovens, e o sócio sênior foi ferido por essa diminuição de sua igualdade presente. “Você me trata como se eu fosse uma velha senhora”, disse ele, e foi embora. Jack era um insuportável pedante e o filho de Jack, que deveria estar em uma mesa ou desfilando pelo parque com sua carruagem de cachorro e cavalos de sela era um dândi inútil. Os tempos haviam mudado realmente!

Quando o senhor Craven não ia ao centro da cidade pela manhã, às vezes pegava sua bengala e caminhava para o leste ao longo da rua que fazia um ângulo reto com a avenida mais próxima de sua casa. Ele não gostava de encontrar seus conhecidos, nem mesmo as senhoras, durante o horário comercial, mas achava divertido observar o progresso de alguns prédios não muito distantes. O contraste entre esse distrito e a região de sua própria casa era muito marcante, embora ele não se encontrasse de forma alguma na parte mais miserável de sua cidade natal. Pelo contrário, havia até uma espécie de economia crescente no local. John Craven havia elogiado mais de uma vez o bom senhorio, quem quer que fosse, dono de uma longa fileira de pequenas casas de tijolos. Os ocupantes eram evidentemente pessoas de poucos recursos, mas muito respeitáveis e organizados, e no final do quarteirão havia uma ou duas lojas - uma farmácia e um lugarzinho alegre que oferecia produtos para mulheres, como linhas e agulhas, gravatas e até papel de carta e estampas de chita. “coisas boas, coisas boas”, dizia o rico ex-empresário, aprovando, “se apenas as mulheres não desperdiçassem o seu tempo e viajassem até a Stewart’s para cada carretel de algodão”.

Aconteceu que John Craven caminhou devagar por ali uma manhã, exatamente quando o proprietário deste estabelecimento estava abrindo suas persianas. Ele era um jovem de rosto brilhante de vinte dois ou vinte três anos, e o senhor idoso hesitou, depois parou e disse bom dia. O jovem olhou em volta alegremente. “Bom dia, senhor”, respondeu; “em que posso ajudar?”

O senhor Craven sorriu benignamente, sem se comprometer com nenhuma resposta definitiva. “Você está no horário, vejo”, disse ele logo em seguida, batendo no pavimento com sua bengala enquanto o proprietário prendia a persiana de volta com um estalo eficiente. Havia apenas uma janela na pequena loja, mas seu conteúdo estava disposto de maneira muito atraente. “Sim, senhor, tempo é dinheiro”, respondeu o proprietário admirando os artigos insignificantes. “Eu ficaria feliz se o senhor entrasse”, e com um olhar ao longo da rua em direção à avenida, o Senhor Craven aceitou o convite. Ainda era cedo pela manhã, ele não havia dormido bem ultimamente, e a sua luxuosa casa mal havia despertado. A sua filha mais velha havia voltado para casa com sua família para cuidar dele após a morte de sua esposa. O marido desta filha era o menos próspero dos genros, e para dizer a verdade, John Craven não gostava nem um pouco dele, e nunca havia gostado.

Havia algo deliciosamente cordial e sincero na hospitalidade do jovem comerciante. De qualquer forma, era mais forte do que as razões de seu convidado para não a aceitar, e o Sr. Craven fez uma reverência e entrou pela porta. Ele não prestou atenção em nada em particular. As mercadorias baratas não convidaram a sua atenção a apreciar seus detalhes, mas ele se sentou em um dos dois banquinhos leves que estavam dispostos para o conforto de possíveis clientes, e perguntou, olhando ao redor de forma interessada, há quanto tempo o negócio estava aberto.

“Há apenas dois meses”, respondeu o jovem, e uma cor juvenil se espalhou rapidamente por seu rosto. “Eu espero que haja uma boa oportunidade aqui! Eu não vejo por que não devo me sair bem. Parece que tenho a boa vontade do bairro, até agora. Há algumas costureiras por perto que fazem muitos trabalhos: uma delas faz costura e acabamento para Madame Blanc, e compra tudo o que pode carregar. Eu atendo a qualquer pedido, sabe, até mesmo encomendo mercadorias que não tenho em estoque. Espero que eu me saia bem aqui, e não me importo em dizer que vou vender o negócio quando ele valer alguma coisa, e buscar algo melhor. Eu gostaria de estar um pouco mais perto da avenida. Eu conheço um homem que tem uma loja de primeira classe de mercadorias na Rua Trinta que está ficando rico. Você vê as costureiras em algumas das grandes casas dando todo o seu dinheiro para o comércio dele, e mantendo o negócio aberto.”

O Senhor Craven devolveu o sorriso esperançoso de seu anfitrião e lentamente desabotoou o seu casaco. Ele se sentia um pouco cansado e solitário naquela manhã, e não tinha a aparência de um homem próspero. O casaco em si era um velho confortável que ele havia insistido em manter quando sua filha sugeriu a doação dele para uma mãe alemã que o usaria para fazer roupas para seus pobres filhos. De alguma forma, o Sr. Craven gostava de usá-lo nessas caminhadas matinais longe da avenida. Os botões estavam soltos, e um deles realmente caiu neste momento e rolou atrás de algumas caixas que estavam empilhadas no final do balcão. William Chellis, o dono da loja, olhou para trás, mas algum instinto que ele mal conseguia explicar o levou a ignorar o acidente trivial. O velho cavalheiro parecia ter visto dias melhores. As casas dos botões do casaco estavam desgastadas, e um pedaço do forro estava pendurado. Chellis muitas vezes via o velho passar por ali por esse horário pela manhã, parando de vez em quando para falar com algumas crianças, ou para cumprimentar os pedreiros que estavam cuidando da grande caixa de argamassa na frente do novo bloco.

Eles conversaram por alguns minutos de maneira amigável. Chellis estava organizando suas mercadorias, e quando o visitante se levantou para ir embora, ele correu para abrir a porta para ele. “Eu ficaria feliz se o senhor voltasse em qualquer momento”, disse ele, com uma agradável reverência. “Espero que o senhor se lembre de mencionar a loja se tiver alguma senhora em casa. Minhas mercadorias são principalmente para elas.”

“Você tem alfinetes?” perguntou o Sr. Craven, voltando com evidente prazer, para fazer um investimento em quatro pacotes. Ele poderia encontrar alguém para dá-los, e havia uma satisfação em colocar o pequeno pacote no bolso. Ele estava acostumado a escrever cheques para suas compras, e estava um pouco incerto, enquanto pegava algum troco do bolso do colete, sobre o estado de suas finanças atuais.

“Não há muita movimentação nesse horário da manhã”, explicou o proprietário. “Meus clientes vêm ou no final do dia, ou correm aqui na hora do almoço. Eu deveria ter alguém para me ajudar, porque fecho agora quando vou ao centro para atender os pedidos. Mas quero economizar o máximo que puder, por enquanto. Todas as grandes coisas devem ter um começo”, acrescentou ele, abrindo a porta pela segunda vez. Havia algo deliciosamente fresco e enérgico sobre o jovem. John Craven suspirou ao lembrar que houve um tempo em que seu próprio futuro estava diante dele. O vento de inverno havia se levantado e estava girando a poeira e os pedaços de papel ao longo da calçada deserta, e enquanto ele ia embora em direção à avenida, ele teve que parar mais de uma vez e virar as costas para o vento insalubre. E aconteceu de estar exatamente em frente a uma janela, onde uma jovem de rosto doce estava costurando diligentemente. Havia

algumas roupas meio acabadas na mesa ao lado dela; ela era uma garota muito bonita, e olhou francamente para o homem idoso, e até lhe deu um sorriso brilhante de simpatia e amizade inconscientes.

Durante todo o dia seguinte, enquanto o vento soprava e o clima estava frio, e flocos de neve batiam contra as janelas, John Craven sentou-se perto da lareira da biblioteca tentando ler jornais, cochilando e meditando de vez em quando. Ele tentou uma ou duas vezes atrair seus netos mais novos para lhe fazer companhia, mas eles eram necessários no andar de cima pois estavam a praticar para um famoso baile de caridade que beneficiaria um hospital infantil. Eles usariam trajes finos e seriam proeminentes nas danças, e só podiam tagarelar sobre essas coisas se praticassem. A sua filha o repreendeu por ficar ao ar livre por tanto tempo em uma manhã fria. Ele se atrasou para o café da manhã, e ela o repreendeu por deixá-la preocupada. Ele poderia cair a qualquer dia, ou ser atropelado pelos carros que passavam.

“Eu gostaria de ter a minha liberdade”, respondeu o velho, com mais severidade do que era habitual nele. Ele não se sentia tão velho quanto as outras pessoas pareciam considerá-lo - a vida não estava muito divertida ultimamente. Mas certamente ele estava muito interessado em seu novo conhecido da rua lateral. “Vou observar aquele rapaz”, assegurou a si mesmo, “e mais tarde, se ele se sair bem, vou deixá-lo ter algum capital.” Enquanto, com rara sensibilidade, ele também se perguntava se a garota agradável que costurava perto da janela e o jovem comerciante ativo estavam cientes da existência um do outro.

A pergunta foi respondida não demorou muito a ser respondida. Na manhã seguinte, entre as duas entrevistas, um julgamento sério veio para o nosso herói. Ele havia sido extremamente pontual nas reuniões quinzenais de uma certa empresa notável, da qual havia sido o principal criador, e havia se apegado cada vez mais a este que era um dos últimos de seus deveres empresariais ativos. Ele se sentiu incomumente claro e capaz quando entrou na sala dos diretores, como estava cedo, foi rapidamente sugerido que ele deveria renunciar ao seu lugar no conselho em favor de seu filho Jack. Ele não pôde encontrar falhas na maneira delicada como essa sugestão foi feita. Havia um velho problemático e decrépito que havia estado no caminho por meia dúzia de anos, e foi proposto que os dois diretores mais antigos fossem colocados em uma espécie de lista de aposentados.

O amigo que falou aludiu ao incômodo que o Senhor Craven deveria sentir ao ter que comparecer às reuniões agora que havia se livrado completamente dos cuidados dos negócios. Ele detinha uma participação tão grande da empresa que não teria sido adequado removê-lo de uma parte do seu controle ativo, exceto por meio de sua própria agência, e

John Craven, que era um homem orgulhoso, disse a si mesmo com um lampejo de raiva que isso era obra de Jack, e concordou silenciosamente. “Eles derrubam os velhos nas ilhas do Mar do Sul”, resmungou ele no dia seguinte, quando viu uma série muito rápida de resoluções sobre sua aposentadoria incluída no relatório financeiro de sua empresa. Ele se perguntou se sua esposa sabia o quão solitário ele estava, e contou com surpresa os meses desde que ela havia sido tirada dele.

A manhã seguinte estava clara e primaveril, e ele saiu mais cedo do que o habitual. O clima agradável era, em si mesmo, um conforto, e ele se viu dando passos mais rápidos em direção à pequena loja. A loja já estava aberta, e havia um cliente que virou um rosto não familiar em direção à porta quando o Senhor Craven a abriu. Os dois jovens estavam conversando animadamente, e ambos coraram um pouco de uma maneira bonita e consciente, e disseram bom dia, como se o recém-chegado fosse um velho amigo. “Este é um dia mais agradável do que quando tive que parar ao lado da sua janela”, disse o velho cavalheiro, galanteador. Ele estava com pressa e ficou feliz em aceitar o assento que o jovem empurrou em sua direção.

“Eu pensei que poderiam fazer uso de algumas coisinhas na casa”, disse o Senhor Craven logo em seguida, mas ele não procurou pelos bens necessários. “Como vocês estão indo?” ele perguntou, de maneira benevolente e paternal, e eles se voltaram para informar a este estranho amigável sobre suas excelentes perspectivas. Evidentemente, os jovens tinham um interesse muito particular um pelo outro, e o Senhor Craven ficou certo de que o casamento deles dependia da renda futura do jovem Chellis. Havia uma dívida de algumas centenas de dólares no estoque; tinha sido um empreendimento tremendo para o rapaz, e o sábio velho homem de negócios balançou a cabeça, quando conseguiu entender a posição dos assuntos. “Se você pudesse pagar essas contas agora”, disse ele seriamente, “para que pudesse estar lidando com o dinheiro que está entrando”. E o jovem Chellis parecia ansioso e determinado enquanto balançava a cabeça em concordância.

Houve um silêncio doloroso de um ou dois momentos que foi quebrado por Chellis. “O senhor perdeu um botão do seu casaco quando estive aqui antes de ontem de manhã. Eu o encontrei depois e guardei. A Senhorita Brooks tem uma agulha com ela agora, eu suponho, e ela costurará para o senhor se o senhor permitir”. John Craven olhou de um rosto para o outro com surpresa agradável. Ele riria se soubesse que eles tinham falado sobre ele várias vezes e haviam decidido que ele era um solteirão que morava em algum lugar daquela região - um homem que tinha visto dias melhores e agora era pobre e sem amigos. A Senhorita Brooks desejava que ele pudesse ter um pouco de dinheiro para investir em um empreendimento comercial tão próspero e em ascensão como o de seu amor. Mas o seu

amor havia respondido com uma sabedoria profunda, e assumiu que o estranho idoso não parecia ser um homem próspero. Pobre John Craven, com suas casas e terras, seus blocos de edifícios, seu interesse em uma linha de navios a vapor, suas fábricas, suas hipotecas, suas ações bancárias e ferroviárias e seus filhos luxuosos, a quem ele havia alojado em palácios! Ele se sentiu mais pobre, afinal, do que essas jovens criaturas, que ainda tinham suas fortunas para fazer e cujo melhor capital era seu amor um pelo outro.

Mas nos últimos arrastados anos, nada lhe havia dado tanto prazer quanto seu novo interesse neste pequeno empreendimento de artigos de luxo na Rua Leste. Seu instinto empresarial cauteloso o tornava muito cuidadoso para conhecer esta área. Então, um dia, para grande deleite do jovem Chellis, quando ele estava começando a temer seus credores e parecer mais velho e mais preocupado do que o habitual, o gentil convidado contou uma quantia como se fosse tudo o que tinha no mundo e pediu para entrar em sociedade, dispensando todas as formalidades. Os dois homens se sentaram juntos como se tivessem vinte e dois anos e embarcaram em planos corajosos para ganhos futuros.

Às vezes, o Senhor Craven deixava que o chamassem de Sr. Brown embora seu coração honesto se revoltasse com a decepção, ele adiava a sua visita até depois do café da manhã e passava o tempo que desejava com o seu novo amigo. A sagacidade dos conselhos que o velho comerciante transmitia ao jovem seria impossível de descrever. Chellis já havia decidido que seu benfeitor devia ter tido uma carreira comercial incomum e ter sido arruinado em alguma grande crise financeira. A situação não estava sem seus perigos. Até mesmo a caminhada ao longo da Rua Leste estava cercada de medos, e John Craven variava sua linha de abordagem de dia para dia. Uma vez, ele viu com consternação a entrada de uma de suas próprias empregadas em seu novo local de negócios, enquanto ele estava atrás do alto balcão somando uma coluna de números.

Felizmente, havia uma sala interna, para a qual ele se retirou furtivamente com o coração batendo, e ouviu lá as vozes altas e mal-educadas da mulher que em casa era uma criatura muito suave e servil. Mas esse acidente não aconteceu novamente, e ele se sentiu cada vez mais seguro na companhia de seu jovem parceiro. Era surpreendente como o seu entusiasmo juvenil e ambição pareciam, por um tempo, retornar; como ele ficava feliz quando um dia de comércio incomumente bom era relatado. Ele balançou a cabeça quando os jovens lhe pediram para ir ao casamento deles, mas ele colocou na mãozinha calejada da noiva uma quantia tão grande quanto se atreveu e fugiu em direção à sua própria casa. Tinha-o deixado desolado ver os quartos em que os amantes iriam viver. Eles haviam pedido a seu benfeitor para visitar sua nova casa de tal maneira que ele não pudesse recusar, e eles lhe disseram que nunca teriam conseguido se dar tão bem sem sua ajuda. A

pequena Senhorita Brooks não ia desistir de sua costura por enquanto. Ela cuidaria de sua pequena casa e ganharia tudo o que pudesse no tempo livre, assim como sempre fizera, eles não pareciam pessoas da cidade; tinham os modos simples dos camponeses. E John Craven pensou neles com profunda afeição enquanto se sentava à cabeceira de sua mesa de jantar brilhante naquela noite e erguia um copo de seu melhor vinho em uma mão trêmula para beber secretamente à saúde e prosperidade do Sr. e Sra. William Chellis.

Por fim, chegou um momento, no final da primavera, em que o velho empresário parecia muito mais fraco. Ele quase nunca ia ao grande escritório agora e ficava até feliz quando a rara expedição terminava em segurança. Uma ou duas vezes ele tomou seu assento em alguma assembleia, mas era uma figura ineficiente e ficava mais incomodado do que outra coisa com o vazio de reverências de seus subordinados no escritório. Todos os dias, quando era possível, no entanto, ele fazia uma visita matinal aos seus jovens amigos na Rua Leste, e em muitas manhãs, quando havia alguns clientes entrando, ele dava avisos e sugestões ao ambicioso proprietário.

Um jovem rapaz foi contratado para trabalhar na loja, um garoto de Vermont, cujo rosto brilhante parecia agradar ao velho cavalheiro, e em uma das últimas visitas Chellis o enviou para casa com o senhor Craven. Isso causou muita curiosidade e interesse quando a aventura foi contada, pois ele havia ajudado o hóspede enfermo a subir os degraus altos de uma das melhores casas da avenida. Mas as visitas matinais estavam quase terminadas. O Sr. Craven só apareceu mais uma vez, e nesta ocasião o proprietário da pequena loja havia saído para o centro da cidade. Ele e sua jovem esposa conversaram muito naquela noite sobre seu benfeitor. “Ele foi o meu sucesso”, disse Chellis para si mesmo, tristemente, à medida que os dias passavam depois disso e seu amigo não voltava mais.

Por muito tempo, a filha do Senhor Craven dizia com orgulho que seu pai era capaz de dar uma caminhada de uma ou duas horas todas as manhãs; nestes dias de primavera tardia, ela havia reclamado irritadamente que ele gastava toda a sua força fazendo isso e que não servia para nada pelo resto do dia. Finalmente, John Craven foi levado para sua propriedade no campo e, antes que o verão acabasse, ele morreu. O pobre homem rico quase havia deixado de se importar com a loja de bonecas, como ele frequentemente a chamava com carinho, embora ainda fosse grato pelo prazer que sentia ao sonhar e planejar a futura fortuna dos jovens felizes da Rua Leste.

Seu testamento foi feito alguns meses antes e foi tão justo para sua própria família quanto para as necessidades públicas, como sempre havia sido em seus negócios. Havia uma cláusula, no entanto, que surpreendeu completamente sua família - ele deixou cinco mil dólares para um tal William Chellis, na Rua Leste, e entre seus últimos papéis

privados havia uma nota para esse legatário escrita em uma mão trêmula, que contrastava estranhamente com suas assinaturas anteriormente que eram tão claras.

“Deixei algo para você como uma lembrança”, disse o Sr. Craven. “Não tenho dúvidas de que você fará seu caminho no mundo com a ajuda disso e de seus próprios esforços, e eu lhe devo algo por sua bondade e respeito a um velho. Lembre-se de que ganhar dinheiro pode torná-lo pobre como me tornou, e pode deixá-lo no final como um mendigo por um pouco de amizade, simpatia e ocupação. Há outras coisas que um homem precisa além da riqueza para ser feliz. De seu grato amigo, “John Craven”.

Os olhos do jovem homem ficaram estranhamente embaçados enquanto ele lia. “Meu Deus!” ele disse, impressionado e surpreso. “Às vezes eu pensava que ele não era o velho quebrado que pensávamos no começo; mas lá estava ele o tempo todo, um dos homens mais ricos da cidade! Como ele ficava feliz em alguns dias em ajudar atrás do balcão quando dois ou três clientes entravam juntos. Então aquele era o velho John Craven!”

“Talvez o nosso lugar o fizesse lembrar dos velhos tempos, quando ele estava apenas começando”, respondeu a pequena esposa com esperança. “Lembro-me da primeira vez que o vi, numa manhã ventosa quando a poeira soprava em seu rosto e ele virou-se e olhou diretamente para a janela. Ele me fez sentir muito mal, parecia tão solitário e desejoso. Eu nunca pensei que ele fosse nos dar tanto dinheiro.”

“Ele me deu algo melhor do que isso também”, disse o jovem Chellis, solenemente; e quando a mulher ao seu lado olhou para cima para perguntar o que ele queria dizer, ele apenas a beijou e foi embora. Havia verdadeiramente muitos ganhos a serem obtidos no mundo além do dinheiro, mesmo que o coração de alguém estivesse voltado para ser, antes de tudo, um homem de negócios.

A Business Man

If a man chooses a profession it is, or ought to be, with other desires than that of growing rich. He may wish to be skillful and learned as a means of self-development and helping his fellow-men, and if he is successful nobody has a right to sneer at him because he does not make a fortune. But when most men enter a mercantile life it is with the acknowledged purpose of making money. The world has a right, too, to look on with interest to find what they do with their money afterward. Dollars are of primary consideration to the standing of a business man, and are only secondary to a clergyman or

a doctor – that is, when one judges by public rather than private conditions and indications of success. Yet the money-getter may win great wealth, and fail completely of reaching his highest value, and reward, and satisfaction as a human being.

People often said that there was something in the blood of the Cravens (their true name shall be a secret) which hungered for possession and was always seeking to gratify its love of acquisition. John Craven, the proud inheritor of a name already well known in business circles, certainly loved the thought of his thousands and hundred thousands. He felt a vast pleasure in letting his eyes glance down the columns of figures in his private account-book – a gratified sense of security and abundance which none of the fruits of his wealth had power to bestow.

The fine house in which he lived, his handsome young children, all failed to be so completely rewarding to his eye and heart as the special page or two where the chief items of his property were represented by straight-stemmed fours and ones and delicately-curved threes and sixes and nines. He was a man who never directly wronged any one, but who was determined to succeed and to make money. He thought little of his personal relation to society, and still less of his relation to the next world. All his mind was bent upon making a splendid financial success, and though early in life this end was gained, he still went on planning great gains and glories, and looked upon himself as one of the younger business men of his city, until long after he was a grandfather.

Then the tide of satisfaction seemed at last to turn. One thing after another forced him to waver and to hesitate in these great manipulations of his capital. Mr. Craven was keen and quick to grasp his business opportunities, but little things annoyed him, and he became sensitive where once he had been indifferent. He was just transferring his chief office and warehouse to a noble new building, when for the first time in his life he became seriously ill, and from necessity his eldest son was promoted temporarily to the head of the business.

It was a strange surprise when the family physician told him that he could no longer bear what he could once; that a man of his years must favor himself; and finally advised that a few months in Europe would do him the much needed good. John Craven was startled and angry at first; he had always looked forward to such a holiday, and had already enjoyed foreign sights by proxy, since his family had crossed the ocean repeatedly, like other families of their social station. But this seemed to mean only that the girls wished to go again, and at first he emphatically refused to be made the victim of such a conspiracy.

When he visited his place of business, however, after his illness, he was made somewhat low spirited. The new warehouse was occupied now, and it was fatiguingly

large and noisy. Young John was getting on very well; he might be all the more use by and by if he had the chance of trying his hand now. He could not do much mischief, the elder man thought, as he sank into his great cushioned chair with a little sigh. He had meant to give orders that his familiar desk and wooden armchair should be brought from the old counting-room, but it was too late now, and to be sure they would be quite out of place in all this magnificence of plate glass and mahogany. Yes, Jack was right; this new office was in keeping with the position of the firm, and the senior partner looked into his new safe with pride and approval, and complimented his son upon the way he had managed things.

The old grandfather who had trained him used to sit on a high stool, and wear a green baize jacket, in the first dingy counting-room. "He started us – he started us," said John Craven to himself; then he felt a little shaky and sat down again, saying that he would not go through the house until next day, perhaps. He had hardly got back his strength, but Jack might bring the statements. There were a number of new clerks even in the inner office, and one had a crafty, small face. "I don't like that fellow's looks," he muttered. "Who got him here, I should like to know!" But Jack responded, with wounded pride, that this was the smartest book-keeper in New York; he had been trying to get him into their employ for a year.

Somehow, for the first time John Craven was conscious that he was getting to be old. He grumbled something about the boys pulling and hauling him and his affairs, and wishing him out of their way. The pomp of the new counting-room, the self-sufficiency of Jack, dazzled and angered him not a little. He had thought it indispensable to the welfare of this great business that he should not miss a day at his desk, all through the busiest times of the year. But here was the establishment running along on its manifold and ponderous track, just as well as if he had been at the post of guidance. Well, not every man had given his affairs such a good momentum; he had only followed out the founder's principles, too, and he thought again of the sturdy grandfather in the baize jacket. After all, it was good for the son and successor; he would stand well in the row of John Cravens. Jack was married and settled. He had as handsome a house as his father's, a block higher up the avenue. The rascal had even grown a little patronizing of late, but John Craven, the elder, had no intention of being called an old man yet.

There were some questions to ask about the real estate investments that day, but Jack could not answer for these. Walter had been looking after that part of the property, and Walter was out of town. "So they had divided the responsibility between them, had they?" the father grumbled; but Jack brought a great handful of cheques and papers to be signed, and the two men lunched and joked together. The firm was already larger than

the senior partner approved. It was no use to talk about adding another member. But Jack took advantage of his father's smiles to suggest the admission of a brother-in-law, the husband of the youngest daughter. "I'll think it over," replied the chief, turning to look for his penholder. "No, his capital is no inducement. We're carrying sail enough for the present, unless times change for the better." Jack went back to his own desk a little annoyed. He did not like to give up his authority. Was it only a month since the old gentleman had been away? It seemed like a year.

John Craven took the doctor's advice, after all, and went to Europe. He had felt strangely weak and unequal to much effort ever since his illness, and he grasped at the promised renewal of his health. There was great satisfaction at meeting some of his old correspondents on the other side; he wholly enjoyed his journeyings, and was satisfied with the careful reports from home. He was proud, too, of some new outlooks and connections which he succeeded in forming. "In a business way," he was fond of saying to his wife, "the time had been well spent." But Mrs. Craven lost no chance of urging her husband to give up the business to the boys. He had overworked himself, she pleaded over and over again, it was no use to break down his health altogether.

He knew very well now that he could not bear what he could once. The truth was, the ways of doing business were changing – these submarine telegraphs were doing as much harm as good. The time had gone by when a man could get private advices of a rise in values, and quickly increase his stock to control the market. Now, what one knew the rest knew, and it was simply a question of who could sell cheapest. John Craven talked it over again and again with idling merchants like himself.

Not long after their return the great sorrow of his life came to him in his wife's death. It was harder to bear the loss than it ever could have been before.[.] They had loved each other with a sober, undemonstrative affection, which was as permanent and unquestioned as the air they breathed. In the earlier years, while he was immersed, as he often said, in business cares, and the good woman was careful and troubled about many things, – her growing children, her household, and her social relations, – they had gone their separate ways without much reference to each other, satisfied with a mutual confidence and inspiration. For the first time in these later months they had sometimes spent all the hours of the days together, and had been more lover-like and affectionate than ever before.

They sometimes talked in the long twilights of the English lakes or the soft sunshine of Italy about what they would do together when they reached home; and John Craven felt less annoyance at the thought of his boys' business capacity. He would have more time at home than ever before; he even grew interested in his wife's small charitable

enterprises, and lent a willing ear to her confidences, and knew at last what good his generous cheques had done in public and private needs. He had never found time to think much of these things. But alas, good Mrs. Craven died after a short illness, within a week or two of their arrival home, and the great house with its unpacked treasures, which they had chosen together, was left desolate.

It was harder than ever for this business man to assure himself that a man need not be old at his age; but somehow he had let go his active oversight of affairs, while he could summon no interest to fill the place of that to which he had given all his time and thought. He cared nothing for books or for art, or, saddest of all, his fashionable daughter thought, for society. He had given away much money because others expected it, but he had never given himself with his dollars. He was sometimes angry with the boys, and sometimes thankful to give up his responsibility, but he wished such relinquishment to be voluntary; it should not be taken for granted. His daughters were eager to have their share of his favor; they came to him with stories of the boys' assumption of authority and precedence. They were all dependent upon him in one way or another, and John Craven told himself more than once that he should like to see one of the crowd who had made his own way in the world.

They were all respectful and affectionate. The girls told him again and again that they were so glad that their husbands were able to relieve him of care, and were men he could trust. Yes, he surely had a great deal to be thankful for; it seemed to be nobody's fault that he was laid on the shelf. Jack was sometimes overbearing and self-confident about the business. It was amazing that he himself, who had been counted one of the most daring, far-sighted, and enterprising men of his day, should be constantly made to feel that he was an old foggy and fast drifting astern of the times. Who should understand the times if not a man of his experience? As the long months went by, the days when he did not go to his office were of more and more frequent occurrence.

The chief value of his presence seemed to be for the subscription lists, which by no means passed him by, and one day there was a vehement outbreak of anger against young Jack, who had ventured to suggest the propriety of a smaller sum than his father had seen fit to bestow. "You may be making money, but whose money are you making it with," the old man demanded, while Jack spoke soothingly and glanced round at the other desks. He did not look as if he would like to knock his father down, as he used in case of differences when they both were younger, and the senior partner was injured by this slighting of their present equality. "You treat me as if I were an old woman," he said, and went away. Jack was such an insufferable prig, and there was Jack's boy, who ought

to be at a desk, already parading about the park with his dog cart and saddle-horses – a good-for-nothing dandy. Times had changed indeed!

When Mr. Craven did not go down town in the morning he sometimes took his stick and walked eastward along the street that made a right angle with the avenue nearest his house. He did not like to meet his acquaintances, even ladies, in business hours, but he found it amusing to watch the progress of some buildings not a great distance away. The contrast between this district and the region of his own home was very striking, though he found himself by no means in the most squalid portion of his native city. On the contrary, there was even a sort of thriftiness. John Craven had more than once complimented the good landlord, whoever he might be, of one long row of small brick houses. The occupants were evidently people of small means, but most respectable and orderly, and at the end of the block was a shop or two – a druggist's, and a gay little place which held out inducements to womankind, of thread and needles, neckties, and even letter-paper and calico prints. "Good thing, good thing," the rich ex-merchant would say approvingly, "if only the women don't waste their time, and travel way down to Stewart's for every spool of cotton."

It happened that John Craven walked slowly by one morning just as the owner of this place of business was opening his shutters. He was a bright-faced young man of two or three and twenty, and the elderly gentleman hesitated, then stopped and said good-morning. The young man looked around cheerfully. "Good-day, sir," he answered; can I do anything for you in my line?"

And Mr. Craven smiled benignantly, without committing himself to any definite reply. "You are on time, I see," he said presently, tapping the pavement with his cane as the proprietor fastened the shutter back with a sufficient snap. There was only one window to the little store, but its contents were most alluringly arranged. "Yes, sir, time's money," answered the admiring owner of the trifling wares. "I should be glad to have you step inside," and with a glance along the street toward the avenue, Mr. Craven accepted the invitation. It was still early in the morning, he had not been sleeping well of late, and his luxurious household was hardly astir. His eldest daughter had come home with her family to keep the house for him after her mother's death. Her husband was the least prosperous of the sons or sons-in-law, and to tell the truth John Craven was not at all fond of him, and never had been.

There was something delightfully cordial and sincere in the younger merchant's hospitality. At any rate it was stronger than his guest's reasons for not accepting it, and Mr. Craven bowed gravely and went in at the door. He took no notice of anything in particular.

The cheap goods did not invite his attention in detail, but he seated himself on one of the two light stools which were provided for the comfort of possible customers, and asked, looking about him in an interested way, how long the business had been established.

“Only a month or two,” answered the young man, and a boyish color spread quickly over his face. “I hope there’s a good chance here! I don’t see why I shouldn’t do well. I seem to have the good-will of the neighborhood, so far. There are some dressmakers near by who do a pile of work: one of them does stitching and finishing for Madame Blanc, and has all she can carry. I fill any orders, you know, for goods I don’t carry in stock. I hope I shall do well here, and I don’t mind saying I shall sell out the business when it gets to be worth anything, and strike for something better. I wish I was a little nearer the avenue. I know a fellow who keeps a first-rate class of goods up in Thirtieth Street that’s getting rich. You see the seamstresses in some of the big houses give him all their trade, and about keep him going.”

Mr. Craven returned the hopeful smile of his entertainer, and slowly unfastened his overcoat. He felt a little tired and lonely that morning, and did not wear the look of a prosperous man. The coat itself was a comfortable old one he had insisted upon keeping when his daughter had suggested the presentation of it to a deserving German mother to make over for her children. Somehow Mr. Craven liked to wear it in these morning walks away from the avenue. The buttons were loose, and one of them actually came off at this moment and rolled behind some boxes that were piled at the end of the counter. William Chellis the shopkeeper looked after it, but some instinct that he could hardly explain led him to ignore the trivial accident. The old gentleman looked as if he had seen better days. The button-holes of the coat were frayed, and a bit of the lining was hanging. Chellis had often seen the old fellow go by about this time in the morning, stopping once in a while to speak to some children, or to exchange greetings with the bricklayers who were tending the great mortar-box in front of the new block.

They talked together for a few minutes in a friendly way. Chellis was arranging his wares, and when the visitor rose to go he darted forward to open the door for him. “I should be pleased to have you drop in any time, sir,” he said, with pleasant deference. “I hope you’ll remember to mention the store if you have any ladies at home. My goods are mostly in their line.”

“Do you keep pins?” asked Mr. Craven, turning back with evident pleasure, to make an investment in four papers. He could find somebody to give them to, and there was a satisfaction in putting the little package in his pocket. He was used to writing

cheques for his purchases, and was a little uncertain, as he took some change from his waistcoat pocket, about the state of his present finances.

“There never is much doing this time in the morning,” explained the proprietor. “My customers either come toward night, or run over here at noon time. I ought to have somebody to help me, for I shut up now when I go down town to fill my orders. I want to get on as cheap as I can, though, for the present. All great things must have a beginning,” he added as he opened the door the second time. There was something delightfully fresh and energetic about the young man. John Craven sighed to remember that there was a time when his own future lay all before him. The winter wind had risen and was whirling the dust and bits of paper along the bare pavement, and as he went away toward the avenue, he had to stop more than once and turn his back to the unwholesome gale. He happened to be just opposite a window at one time, where a sweet-faced young girl sat sewing busily. There were some half-finished garments on the table beside her; a very pretty girl she was, and she looked frankly up at the elderly man, and even gave him a bright smile of unconscious sympathy and friendliness.

The whole day afterward, while the wind blew and the weather was cold, and a few flakes of snow clicked against the windows, John Craven sat by the library fire trying to read newspapers and dozing and meditating by turns. He tried once or twice to allure his younger grandchildren down to keep him company, but they were needed up-stairs to practice for a famous fancy ball in aid of some children’s hospital. They were to have fine costumes and be prominent in the dances, and could only chatter to him of these things if they stayed. Their mother had rebuked him for staying out of doors so long on a chilly morning. He was late to breakfast, and she reproached him for making her uneasy. He might have a fall any day, or be knocked over by the passing carts.

“I should like to have my liberty,” the old man answered, with more severity than was usual with him. He did not feel so old as other people seemed to consider him – life was nor very amusing of late. But certainly he was much interested in his new acquaintance of the side street. “I’ll watch that lad,” Mr. Craven assured himself, “and by and by, if he does well, I’ll let him have some capital.” While, with rare sentiment, he also wondered if the nice girl who sewed by the window and the brisk young merchant were aware of each other’s existence.

The question was answered no later than the next morning but one. Between the two interviews a serious trial came to our hero. He had been vastly punctual at the fortnightly meetings of a certain notable company, of which he had been chief originator, and had clung more and more of late to this one of the last of his active business duties.

He felt unusually clear and capable as he entered the directors' room, but being early he was adroitly tendered a suggestion that he should resign his place on the board in favor of his son Jack. He could find no fault with the delicate manner in which this suggestion was made. There was a troublesome, decrepit old fellow, who had been in the way for half a dozen years, and it was proposed that the two senior directors should be put on a sort of retired list.

The friend who spoke alluded to the annoyance Mr. Craven must receive from his feeling of obligation to attend the meetings now that he had shaken off so entirely the cares of business. He held so large an interest in the property that it would not have done to remove him from a part in its active control, except through his own agency, and John Craven, who was a proud man, told himself with a flash of anger that this was some of Jack's doings, and quietly acquiesced. "They knock the old folks on the head in the South Sea Islands," he grumbled next day, when he saw a too prompt series of resolutions on his retirement included in the financial report of his company. He wondered if his wife knew how lonely he was, and counted up with surprise the months since she had been taken away from him.

The morning afterward was clear and spring-like, and he went out earlier than usual. The pleasant weather was in itself a comfort, and he found himself taking quicker steps than usual toward the little store. It was already open, and there was a customer who turned a not unfamiliar face toward the door as Mr. Craven opened it. The two young people were talking eagerly, and both blushed a little in a pretty, conscious way, and said good-morning, as if the new-comer were an old friend. "This is a pleasanter day than when I had to come to a halt next your window," said the old gentleman, gallantly. He had been hurrying, and was glad to accept the seat which the younger man pushed toward him.

"There were a few little things I thought they could make use of at the house," said Mr. Craven presently, to explain his appearance – but he did not look about for the necessary goods. "How are you getting on?" he asked, in a benevolent and paternal fashion, and they turned to acquaint this friendly stranger with an assurance of their excellent prospects. Evidently the young people had a very particular interest in each other, and Mr. Craven became sure that their marriage depended upon young Chellis's future income. There was a debt of a few hundred dollars on the stock; it had been a tremendous venture for the fellow, and the wise old business man shook his head, as he was made to understand the position of affairs. "If you could only pay off those accounts now," he said soberly, "so that you could be handling for yourself the money that is coming in." And young Chellis looked wistful and determined as he nodded his head in assent.

There was a painful silence of a moment or two which Chellis himself broke. “You lost a button off your coat when you were in day before yesterday morning, sir. I found it afterward and laid it by. Miss Brooks has got a needle with her now, I dare say, and she’ll sew it on for you if you will let her;” and John Craven looked from one face to the other with pleased surprise. He would have been amused if he had known that they had talked about him several times, and had made up their minds that he was a bachelor who boarded somewhere in that region – a man who had seen better days, and was now poor and friendless. Miss Brooks had ventured to wish that he might have a little money which he would like to put into such a thriving and rising business venture as her lover’s. But the lover had replied with deeper wisdom that the elderly stranger did not wear the look of a prosperous man. Poor John Craven, with his houses and lands, his blocks of buildings, and his interest in a line of steamers, his manufactories, and his mortgages, and bank stocks, and railroad stocks, and his luxurious children, whom he had housed in palaces! He felt poorer, after all, than these young creatures, who still had their fortunes to make, and whose best capital was their love for each other.

But in the last few dragging years nothing had given him such a hearty pleasure as his new interest in this little enterprise of the fancy goods store on East Number Street. His cautious business instinct made him very careful to know his ground. Then one day, to young Chellis’s great delight, when he was beginning to fear his creditors and look older and more troubled than usual, the kindly guest counted out a sum of money as if it were all he had in the world, and begged to go into partnership, waiving all formalities. The two men sat down together as if they were alike twenty-two, and embarked upon courageous plans for future gains.

Sometimes of late, Mr. Craven – who let himself be called Mr. Brown, though his honest heart revolted from the deception – postponed his visit until after the late breakfast and spent as much of the day as he chose with his new friend. What sagacity of advice the old merchant imparted to the new one time would fail for describing. Chellis had long ago made up his mind that his benefactor must have had an unusual business career and been wrecked in some great financial crisis. The situation was not without its dangers. Even the walk along East Number Street was beset with fears, and John Craven varied his line of approach from day to day. Once he beheld with dismay the entrance of one of his own housemaids upon his new place of business, as he stood behind the high desk casting up a column of figures.

Luckily there was an inner room, to which he stealthily retreated with beating heart, and listened there to the loud, unmannerly tones of the woman who was at home a

most soft-spoken and servile creature. But this accident did not happen again, and he felt more and more secure in the companionship of his young partner. It was surprising how his youthful zest and ambition seemed, for a time, to return; how pleased he was when an uncommonly good day's trade was reported. He shook his head when the young folks asked him to come to their wedding, but he slipped as large a bill as he dared into the bride's work-roughened little hand and stole away toward his own house. It had made him desolate to see the rooms the lovers were to live in. They had asked their benefactor to visit their new home in such a way that he could not refuse, and they told him they never could have got on so well without his help. Little Miss Brooks was not going to give up her sewing at present. She would take care of their tiny housekeeping and earn all she could in the spare time, just as she had always done. They did not seem like city people at all; they had the simple ways of country folks. And John Craven thought of them with deep affection as he sat at the head of his glittering dinner-table that night, and lifted a glass of his best wine in a shaking hand to drink secretly to Mr. and Mrs. William Chellis's health and prosperity.

At last there came a time, late one spring, when the old business man seemed much feebler than he had ever before. He hardly ever went down to the great office now, and was even glad when the rare expedition was safely over with. Once or twice he took his seat at some assembly, but he was an inefficient figure-head, and was more annoyed than otherwise with the empty show of deference from his inferiors in office. Every day when it was possible, however, he paid an early visit to his young friends in East Number Street, and on many a morning when there were a few customers coming in, he gave the ambitious proprietor warnings and suggestions.

There was a young boy added to the force of this mercantile experiment, a lad from Vermont, whose bright face seemed to please the old gentleman, and on one of the last visits Chellis sent him home with Mr. Craven. It caused a good deal of curiosity and interest when the adventure was recounted, for he had helped the infirm guest up the high steps of one of the best avenue houses. But the morning calls were nearly done. Mr. Craven only appeared once more, and then when the owner of the little shop had gone down town. He and his young wife talked a great deal that night about their benefactor. "He's been the making of me," said Chellis to himself, sadly, as the days went by after that and his friend did not come again.

For a long time Mr. Craven's daughter had said proudly that her father was able to take an hour or two's walk early every morning; in these late spring days she had complained fretfully that he used up all his strength in doing so much, and that he was fit

for nothing all the rest of the day. At length John Craven was taken away to his country place, and before the summer was over he died. The poor rich man had almost ceased to care anything for even the dolls' shopkeeping, as he had often fondly called it, though he was still grateful for the pleasure that came to him as he dreamed of and planned for the future fortune of the happy young people in East Number Street.

His will was made some months before, and was as just to his own family and to public needs as all his dealing had been. There was one codicil which surprised his family entirely, – he left five thousand dollars to one William Chellis, in East Number Street, and among the latest of his private papers was a note to this legatee written in a trembling hand, which contrasted strangely with his former clear signatures.

“I have left something for you as a remembrance,” Mr. Craven said. “I have no doubt that you will make your way in the world by its help and your own exertions, and I owe you something for your kindness and respect to an old man. Remember that getting money may make you poor as it has me, and can leave you at last a beggar for a little friendliness, and sympathy, and occupation. There are other things which a man needs beside wealth to make him happy. I am your grateful friend, “John Craven.”

The young man's eyes were strangely dimmed as he read. “Good heavens!” he said, awed and astonished. “I used to think sometimes that he wasn't the broken-down old fellow we took him for at first; but there he was all the time, one of the richest men in the city! How pleased he used to be some days to help behind the counter when two or three customers came in together. So that was old John Craven!”

“Perhaps our place made him think of old times, when he was just beginning, himself,” hopefully answered the little wife. “I remember the first time I saw him, one windy morning when the dust blew in his face and he turned round and looked right in at the window. He made me feel real bad, he looked so lonesome and wishful. I never thought he was going to give us such a lot of money.”

“He's given me something better than that, too,” said young Chellis, solemnly; and when the woman beside him looked up to ask what he meant, he only kissed her and went away. There were truly many gains to be had in the world beside money, even if one's heart was set upon being, first of all, a Businessman.

REFERÊNCIAS

DÉPRÉ, Ines. **Teorias e Práticas da Tradução literária**. Tradução de Lia Araújo Miranda de Lima. Editora da UnB, 2019.

JEWETT, Sarah Orne. **A White Heron and Other stories**. Poole: Solis Press, 2013.

